NOTA PRÉVIA SÔBRE OS MAJIDAE DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

(CRUSTACEA, DECAPODA)

(Com 2 figuras)

PETRÔNIO ALVES COELHO
Instituto Oceanográfico da Universidade Federal de Pernambuco
Recife, PE.

INTRODUÇÃO

O conhecimento atual da fauna de Majidae do Norte e Nordeste do Brasil deriva, não só das pesquisas anteriores, cujos resultados foram publicados por vários autores como SMITH (1869), A. MILNNE EDWARDS (1873-1881), MIERS (1886), POCOCK (1890), RATHBUN (1892, 1898, 1900, 1925), MOREIRA (1901), A. MILNE EWARDS & BOUVIER (1923), LEMOS DE CASTRO (1949), GARTH (1952), NOMURA & FAUSTO FILHO (1966), FAUSTO FILHO (1966, 1967) e COELHO (1966), como também do material reunido pelo Instituto Oceanográfico da Universidade Federal de Pernambuco com a ajuda da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento no Nordeste), do Conselho Nacional de Pesquisas e da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha do Brasil.

O valor da coleção reunida pelo Instituto Oceanográfico é muito devido ao grande número de exemplares recolhidos no Norte e Nordeste do Brasil, inclusive nos bancos ao largo do Ceará e do Rio Grande do Norte, nas Rocas, em Fernando de Noronha, e por tôda a plataforma continental desde o Amapá até a Bahia; as coletas litorâneas, no entanto, foram limitadas ao setor Ceará-Bahia. Esta coleção é também importante devido ao rigor com que foram obtidos dados ecológicos, principalmente devido aos esforços do Dr. Marc Kempf. O grande número de amostras obtidas cobre localidades separadas por uma diferença de latitudes de cêrca de 23° (aproximadamente de 5°N até 18°S) e por mais de 4.300 km de costa.

A presente nota prévia é apenas uma lista do material recolhido pelo Instituto Oceanográfico; está em preparo um outro trabalho que, além de tornar conhecidas as coleções reunidas, divulgará também chaves de identificação, descrições e ilustrações das espécies que ocorrem no Norte e Nordeste do Brasil assim como as referências necessárias para quem deseje se aprofundar no estudo dêstes caranguejos. Como referência da situação geográfica das estações de coleta são mencionadas apenas uma série de localidades mostradas no mapa da fig. 1.; no trabalho posterior daremos os números de estação e as coordenadas geográficas.

Na descrição da ecologia de cada espécie são empregados os seguintes nomes de tipos de fundos:

1 — Fundos costeiros — compreendendo os fundos de areia e de lama de pequena profundidade, os arrecifes de arenito, as plataformas coralígenas os arrecifes de *Millepora* ou de coral, os prados de fanerógamas marinhas.

2 — Fundos de algas calcárias — a presença de fundos de algas calcárias ocupando largas áreas da plataforma continental caracteriza o litoral brasileiro desde o Ceará até o Espírito Santo. A plataforma continental, a partir de 20 metros de profundidade, é geralmente recoberta por algas calcárias rodofíceas, seja livres, seja formando grandes blocos concrecionados. A elas se ajunta uma fauna típica constituída de esponjas, brizoários, corais... Êstes fundos se continuam para o norte (Maranhão e Pará), porém já não constituem o principal tipo de fundo, como no restante do litoral.

3 — Fundos detríticos (ou organogênicos) — a natureza dêstes fundos é extremamente variável, mas predominam os fundos de algas calcárias mortas, areia calcária, conchas mortas e uma certa porcentagem de lama. De particular importância re-

vestem-se os fundos detríticos do bordo externo da plataforma continental nos Estados do Maranhão e do Pará, e no Território do Amapá, onde foram encontradas várias espécies comuns em fundos de algas calcárias no Nordeste do Brasil.

Maiores informações sôbre êstes tipos de fundo são encontradas nos trabalhos de KEMPF, MABESOONE & TINOCO (no prelo) e de KEMPF, COUTINHO & MORAIS (no prelo).

LISTA DAS ESPÉCIES

Família MAJIDAE

Subfamília INACHINAE

Batrachonotus brasiliensis Rathbun, 1894. Pará; Rio Amazonas, Maranhão: Turiaçu e Tutóia. Piauí, Ceará: Camocim, Acaraú e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Areia Branca e Macau. Pernambuco: Recife. Alagoas: Pôrto de Pedras. Em fundos detríticos, de areia e de algas calcárias entre 12 e 73 metros de profundidade. Desde o trabalho de GARTH (1958) era conhecida apenas uma espécie do gênero *Batrachonotus* Stimpson, a saber, *B. fragosus* Stimpson. A variabilidade da ornamentação da carapaça desta espécie foi comentada por RATHBUN (1925) e por WILLIAMS (1965). Os espécimens estudados por êstes autores, provenientes das Antilhas, da Flórida e da costa leste dos Estados Unidos, no entanto, possuiam sempre a) dois pequenos tubérculos na região intestinal logo acima da margem posterior da carapaça e b) um tubérculo ou espinho mediano no primeiro segmento abdominal. Os espécimes de *Batrachonotus* encontrados no Brasil também possuem ornamentação da carapaça variável, porém constantemente a) é encontrado apenas um espinho ou tubérculo mediano na região intestinal, logo acima da margem posterior da carapaça e b) o primeiro segmento do abdômen é completamente desprovido de tubérculo ou espinho mediano. O holotipo de *Batrachonotus fragosus* parece ter-se perdido, mas STIMPSON (1871) o descreveu como possuindo um tubérculo grande no primeiro segmento do abdômen, e provinha de uma coleta realizada ao sul de Tortugas, no Golfo do México. RATHBUN (1894) descreveu com o nome de *Batrachonotus brasiliensis* uma fêmea coletada nas proximidades do Rio de Janeiro; a ornamentação da região intestinal não é descrita, porém posteriormente RATHBUN (1925, pl. 39, figs. 3 e 4) publicou uma fotografia do holotipo mostrando claramenet oo tubérculo mediano da região intestinal. RATHBUN (1925) colocou *B. brasiliensis* na sinonímia de *B. fragosus*, porém parece-nos mais lógico, à luz do que foi apresentado acima, considerar as duas formas como espécies distintas, atribuindo o nome de *B. brasiliensis* à forma encontrada em águas brasileiras.

Acpinus septempsinous (A. Milne Edwards, 1879). Fernando de Noronha. Pará: Rio Amazonas e Aracati. Rio Grande do Norte: Touros. Paraíba: Baía da Traição. Pernambuco: Recife. Alagoas: Maceió. Geralmente em fundos de algas calcárias, ocasionalmente em fundos detríticos ou de lama; entre 17 e 85 metros de profundidade.

Euprognatha gracilipes. A. Milne Edwards, 1878. Amapá: Cabo Caciporé e Cabo do Norte. Ceará: Fortaleza. Fundos de algas calcárias e detríticos entre 72 e 105 metros de profundidade.

Arachnopsis filipes Stimpson, 1871. Bancos ao largo do Ceará e do Rio Grande do Norte, em fundos de algas calcárias entre 61 e 73 metros.

Collodes inermis A. Milne Edwards, 1878. Amapá: Cabo Orange, Cabo Caciporé e Cabo do Norte. Maranhão: Tutóia. Poauí. Ceará: Camocim Rio Grande do Norte: Macau. Pernambuco: Recife. Em fundos de lama, de areia e lama, detríticos e de algas calcárias entre 33 e 105 metros de profundidade.

Anasimus latus Rathbun, 1894. Amapá, Cabo Caciporé, 75 a 52 metros.

Paradasygyus tuberculatus (Lemos de Castro, 1949). Amapá: Cabo Caciporé. Pará: Foz do rio Tocantins. Examinei no Museu Nacional do Rio de Janeiro, exemplares provenientes de Salinópolis, no Pará, e de Natal, no Rio Grande do Norte. Em fundos de lama ou de lama e areia, desde pequena profundidade até 41 metros.

Inachoides forceps A. Milne Edwards, 1879. Pará: Salinópolis. Rio Grande do Norte: Cabo Bacopari. Pernambuco: Recife. Bahia: Abrolhos. Em fundos de areia e em prados de fanerógamas marinhas entre 19 e 25 metros de profundidade.

Podochela riisei Stimpson, 1860. Maranhão: Tutóia. Ceará: Camocim, Acaraú e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Touros. Paraíba: Baía da Traição e Cabo Branco.. Pernambuco: Recife e Tamandaré. Alagoas: Foz do São Francisco. Bahia: Abrolhos. Quase sempre em fundos de algas calcárias, ocasionalmente em fundo de areia e em prado de fanerógamas marinhas, entre 24 e 90 metros de profundidade. STEBBING (1914, p. 249) descreveu como espécie nova, sob o nome de *Coryrhynchus algicola* uma única fêmea capturada pelo "Scotia" a cêrca de 66 metros de profundidade num ponto de lat. 18°24'S e long. 37°58'W. RATHBUN (1925, p. 41) refere-se a esta espécie sob o nome de *Podochela algicola*. Pelas figuras e descrições de STEBBING e de RATHBUN a espécie de STEBBING poderia caber dentro dos limites de variabilidade de *P. riisei*. Espero, no entanto, poder comparar os espécimens da Coleção Carcinológica do Instituto Oceanográfico com material de *P. riisei* recolhido no Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris e proveniente das Antilhas.

Podochela macrodera Stimpson, 1860. Ceará: Camocim e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Natal. Pernambuco: Recife. Sergipe: Aracaju. Geralmente em fundos de algas calcárias, às vêzes em fundos de areia; entre 20 e 53 metros de profundidade.

Podochela gracilipes Stimpson, 1871. Bancos ao largo do Rio Grande do Norte. Amapá: Cabo Saciporé e Cabo do Norte. Pará: Foz do Rio Amazonas. Piauí. Ceará: Camocim, Peracuru e Fortaleza. Em fundos de algas calcárias, detríticos, de areia e de lama e areia entre 53 e 103 metros.

Stenorhynchus seticornis (Herbst, 1788). Amapá: Cabo do Norte. Maranhão: Tutóia. Piauí. Ceará: Camocim, Acaraú, Fortaleza e Aracati. Rio Grande do Norte: Macau, Touros e Natal. Paraíba: Cabo Branco. Pernambuco: Ponta de Pedras, Piedade, Suape e Tamandaré. Alagoas: Pôrto de Pedras, Maceió e Foz do Rio São Francisco. Bahia: Salvador. Os espécimens examinados foram colhidos no nível da baixa-mar em arrecifes de arenito, e entre 41 e 85 metros de profundidade em fundos de algas calcárias, de areia e detríticos.

Subfamília OPHTHALMIINAE

Pitho lherminieri (Schramm, 1867). Fernando de Noronha. Pará: Salinópolis e Cabo Gurupi. Maranhão: Tutóia. Piauí. Ceará: Camocim, Fortaleza e Aracati. Rio Grande do Norte: Areia Branca, Touros e Natal. Pernambuco: Recife, Piedade e Suape. Alagoas: Pôrto de Pedras e Maceió. Bahia: Abrolhos. Espécie muito comum desde o limite da baixa-mar até 45 metros de profundidade; encontrada raramente em profundidade maior. É comum nos fundos de algas calcárias e nos fundos de areia ou detríticos costeiros; ocorre também em prados de *Diplanthera*, em arrecifes de arenito e em costas rochosas, bem como sôbre gorgônias.

Tyche potiguara Garth, 1952. Paraíba: Cabo Branco. Pernambuco: Recife. Alagoas: Maceió e Foz do Rio São Francisco. Em fundos de algas calcárias e em fundo de rocha, entre 25 e 69 metros.

Picroceroides tubularis Miers, 1886. Bancos ao largo do Ceará. Fernando de Noronha. Maranhão: Turiaçu. Ceará: Acaraú, Fortaleza e Aracati. Rio Grande do Norte: Macau e Touros. Paraíba: Cabo Branco. Pernambuco: Recife. Alagoas: Maceió e Foz do Rio São Francisco. Geralmente em fundos de algas calcárias, excepcionalmente em fundo detrítico; entre 39 e 90 metros de profundidade.

Subfamília ACANTHONYCHINAE

Acanthonyx petiverii Milne Edwards, 1834. Paraíba: Cabedelo e Tambaú. Pernambuco: Olinda, Recife, Piedade, Candeias e Saupe. Espécie comum sôbre algas crescendo em fundos costeiros duros (arrecifes de arenito, plataformas coralígenas, etc.). Também em prado de *Diplanthera* (Suape), sôbre coral a 4 metros de profundidade e em fundo de areia a 20,5 metros de profundidade (Recife). A coloração varia de verde ao marrom, dependendo exclusivamente da côr das algas circundantes.

Epialtus bituberculatus Milne Edwards, 1834. Paraíba: Tambaú. Pernambuco: Olinda, Piedade e Suape. Espécie comum sôbre algas crescendo em rochas batidas pelas ondas e em poças deixadas nos arrecifes durante a baixa-mar; encontrada também em prado de *Diplanthera*. Sempre em água raza; em profundidades maiores é substituída por *Epialtus longirostris*.

Epialtus longirostris Stimpson, 1860. Maranhão: Tutóia. Pernambuco: Recife e Tamandaré. Em fundos de algas calcárias e de areia, entre 19 e 54 metros de profundidade.

Subfamília PISINAE

Chorinus heros (Herbst, 1790). Ceará: Camocim e Acaraú. Rio Grande do Norte: Touros e Cabo Bacopari. Pernambuco: Recife. Alagoas: Pôrto de Pedras, Maceió e Foz do Rio São Francisco. Pude examinar no Museu Nacional do Rio de Janeiro o exemplar citado por MOREIRA (1901), proveniente da Bahia. Encontrado entre 17 e 48 metros de profundidade em fundos de algas calcárias, de areia de *Halimeda* e de areia quartzosa.

Notolopas brasiliensis Miers, 1886. Pará: Salinópolis. Maranhão: Tutóia. Ceará: Fortaleza. Pernambuco: Recife. Alagoas: Coruripe. Encontrado de 12 até 23 metros de profundidade principamente em fundos costeiros de areia, e apenas uma vez em fundo de rocha e blocos de algas calcárias a 15 metros de profundidade. *Hyastenus caribbaeus* Rathbun geralmente é considerado sinônimo de *Notolopas brasiliensis*, porém, as diferenças entre os maxilípedes externos das duas formas é suficiente, a nosso ver, para separar as duas espécies. A êste respeito, comparar por exemplo, a pl. VIII, dig. 1 b de MIERS (1886) com a fig. 96, pág. 289 de RATHBUN (1925). Os exemplares brasileiros estudados concordam em todos os detalhes com as figuras de MIERS.

Pelia rotunda A. Milne Edwards, 1875. Pará: Foz do Rio Amazonas e Salinópolis. Maranhão: Tutóia. Ceará: Aracati. Pernambuco: Recife, Alagoas: Pôrto de Pedras e Maceió. O material existente em nossas mãos foi obtido entre 23 e 85 metros de profundidade em fundos de algas calcárias, em fundos de areia e em fundos detríticos.

Lissa brasiliensis Rathbun, 1923. Ceará: Camocim e Aracati. Em fundos de algas calcárias, 53 e 55 metros de profundidade.

Libinia bellicosa Oliveira, 1944. Um exemplar procedente de Fortaleza, encontrado morto na praia em 1962.

Libinia ferreirae Brito Capello, 1871. Numerosos indivíduos obtidos nos arrastos realizados diante da Foz do rio São Francisco durante o mês de dezembro de 1965 pelo barco Akaroa; também no Amapá: Cabo Caciporé: Alguns espécimens carregavam uma ou mais actínias no dorso da carapaça. Em fundo de lama, 12 a 27 metros de profundade.

Subfamília MITHRACINAE

Mithrax (Mithrax) acuticornis Stimpson, 1870. Bancos ao largo do Rio Grande do Norte. Rocas. Amapá: Cabo Caciporé e Cabo do Norte. Maranhão: Turiaçu, São Luiz e Tutóia Piauí. Ceará: Camocim, Fortaleza e Aracati. Rio Grande do Norte: Macau e Touros. Paraíba: Baía da Traição e Cabo Branco. Pernambuco: Recife. Sergipe: Foz do Rio São Francisco. Espécie comum em fundos detríticos e em fundos de algas calcárias entre 25 e 82 metros de profundidade, ocasionalmente em águas mais profundas.

Mithrax (Mithrax) caribbaeus Rathbun. 1920. Pará: Foz do Rio Amazonas. Fundo de lama e areia. 56 metros de profundidade.

Mithrax (Mithrax) hemphilli Rathbun. 1892. Rocas. Pernambuco: Pina e Recife. Bahia: Salvador. Espécie encontrada em arrecifes e em fundos de algas calcárias até a profundidade de 53 metros.

Mithrax (Mithrax) verrucosus Milne Edwards, 1832. Rocas. Fernando de Noronha. Em pequena profundidade.

Mithrax (Mithrax) braziliensis Rathbun, 1892. Pernambuco: Pina, Base Aérea, Piedade, Candeias e Tamandaré. O material examinado foi encontrado em plataformas coralígenas (Candeias, Tamandaré), associado a *Millepora* (Piedade) e em "coral heads" a 5-8 metros de profundidade (defronte da Base Aérea).

Mithrax (Mithrax) hispidus (Herbst, 1790). Pará: Cabo Gurupi. Maranhão: Turiaçu. Paraíba: Baía da traição e Cabo Branco. Pernambuco: Recife, Pina, Piedade, Suape, Praia de Guadalupe e Tamandaré. Alagoas: Pôrto de Pedras e Maceió. Espécie encontrada em arrecifes de arenito e em fundos de algas calcárias até a profundidade de 65 metros; também ocorre em prados de fanerógamas marinhas.

Mithrax (Mithraculus) forceps (Milne Edwards, 1875). Bancos ao largo do Ceará. Rocas. Fernando de Noronha. Maranhão: Turiaçu e Tutóia. Ceará: Camocim, Fortaleza e Aracati. Rio Grande do Norte: Areia Branca, Macau, Touros, Natal e Cabo Bacopari. Paraíba: Cabo Branco. Pernambuco: Recife, Piedade, Suape e Tamandaré. Alagoas: Pôrto de Pedras e Maceió. Bahia: Salvador. A espécie é muito comum desde 0 a 64 metros de profundidade, principalmente em fundos de algas calcárias, mas ocorre também em arrecifes e em fundos de areia, e até em fundos detríticos.

Microphrys bicornutus (Latreille, 1825). Rocas. Fernando de Noronha. Rio Grande do Norte: Natal. Pernambuco: Maria Farinha, Piedade, Candeias, Suape e Tamandaré. Bahia: Salvador. A espécie é comum em arrecifes de arenito, em plataformas coralígenas e em litorais rochosos; ocorre também em prados de fanerógamas marinhas. Tem o hábito de implantar no dorso objetos extranhos como esponjas, hidróides, algas, etc., tornando-se camuflados de tal forma que é difícil localizá-los. Substituído em águas mais profundas por outras espécies do gênero.

Microphrys interruptus Rathbun, 1920. Ceará: Camocim e Acaraú. Rio Grande do Norte: Macau e Cabo Bacopari. Paraíba: Cabo Branco. Pernambuco: Olinda e Recife. Alagoas: Maceió. A espécie é comum entre 17 e 46 metros de profundidade, habitando especialmente os fundos de algas calcárias, ocasionalmente os de areia.

Microphrys antillensis Rathbun, 1920. Pernambuco: Pina e Recife. O material examinado provém de coletas realizadas entre 20 e 38 metros de profundidade sôbre fundos de algas calcárias.

Hemus cristulipes A. Milne Edwards, 1875. Bancos ao largo do Ceará. Fernando de Noronha. Maranhão: Tutóia. Pernambuco: Recife. O material examinado provém de 26 a 69 metros em fundos de algas calcárias. É possível que esta espécie seja muito mais freqüente (foram examinados apenas 7 espécimens provenientes de 6 estações), porém seu pequeno tamanho (até 12 mm de comprimento da carapaça) e a sua semelhança com o sedimento calcário a tornam difícil de encontrar.

Thoe aspera Rathbun, 1901. Um macho coletado no arrecife de Candeias por ocasião da baixamar.

Macrocoeloma trispinosum (Latreille, 1825). Piauí. Ceará: Aracati. Rio Grande do Norte: Cabo Cacopari. Pernambuco: Recife. Alagoas: Maceió. Encontrado em fundos de algas calcárias entre 21 e 59 metros. RATHBUN (1925) distinguiu nesta espécie três séries (que ela denominou variedades). O material existente no Instituto Oceanográfico pertence à variedade típica, bem como os espécimens da Paraíba e da Bahia estudados por RATHBUN. O material examinado mostra alguma variação no tamanho e na forma dos espinhos laterais e dos dentes do rostro, porém a carapaça possui escultura semelhante em todos os exemplares. Aliás, é possível que um reexame de material desta espécie proveniente de tôda a sua área de distribuição geográfica e das três "variedades" venha a demostrar que se trata realmente de três espécies distintas.

Macrocoeloma subparallelum (Stimpson, 1860). O único indivíduo examinado, uma fêmea proveniente de Suape, Pernambuco, foi obtido em litoral rochoso, sob pedras, durante a baixa-mar.

Macrocoeloma laevigatum (Stimpson, 1860). Piauí. Rio Grande do Norte: Cabo Bacopari. Pernambuco: Recife. Alagoas: Maceió, Coruripe e Foz do Rio São Francisco. Espécie encontrada entre 13 e 31 metros de profundidade, principalmente em fundo de areia, porém presente ainda em fundos de algas calcárias e em fundos rochosos.

Macrocoeloma eutheca (Stimpson, 1871). Maranhão: Turiaçu e Tutóia. Piauí. Ceará: Camocim, Paracuru e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Areia Branca e Macau. Pernambuco: Recife e Tamandaré. Alagoas: Maceió. O material examinado foi encontrado sôbre fundos de algas calcárias, de areia e detríticos entre 30 e 73 metros de profundidade.

Macrocoeloma concavum Miers, 1886. Maranhão: Turiaçu. Ceará Camocim e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Macau. Pernambuco: Ponta de Pedras e Recife. Alagoas: Pôrto de Pedras e Foz do Rio São Francisco. O material coletado principalmente s!bre fundos de algas calcárias entre 26 e 80 metros, embora tenha aparecido uma vez em fundo de lama (27 metros) e outra em fundo de areia (13,5 metros).

Macrocoeloma septemspinosum (Stimpson, 1871). Ceará: Fortaleza. Rio Grande do Norte: Touros. Em fundo de blocos de algas calcárias, entre 69 e 72 metros de profundidade.

Leptopisa setirostris (Stimpson, 1871). Piauí. Ceará: Samocim, Acaraú e Fortaleza. Rio Grande do Norte: Areia Branca, Touros e Cabo Bacopari. Paraíba: Baía da Traição e Cabo Branco. Pernambuco: Recife e Tamandaré. Alagoas: Pôrto de Pedras e Maceió. Encontrado de 22 a 75 metros de profundidade, principalmente em fundos de algas calcárias, ocasionalmente em fundos detríticos ou de areia.

COMENTÁRIOS

A distribuição batimétrica do material coletado é mostrada na fig. 2. Verifica-se que *Epialtus bituberculatus*, *Mithrax verrucosus*, *Mithrax braziliensis*, *Microphrys bicornutus*, *Thoe aspera* e *Macroceloma subparallelum* foram encontrados apenas em fundos costeiros muito rasos, enquanto outras espécies, comuns em águas rasas, como *Paradasygyius tuberculatus Stenorhynchus seticornis*, *Pitho lherminieri*, *Acanthonyx petiverii*, *Mithrax hemphilli*, *Mithrax hispidus* e *Mithrax forceps* alcançaram profundidades superiores a 20 metros. Um pequeno grupo de espécies, constituído por *Inachoides forceps*, *Notolopas brasiliensis*, *Libinia ferreirae* e *Macroceloma laevigatum* foram colhidas apenas entre 10 e 31 metros de profundidade.A fauna se tornou mais rica dos 20 aos 50 metros, onde foram recolhidas 30 espécies, e foi se empobrecendo a partir daí, tendo a coleta de poucas destas espécies sido realizada a mais de 80 metros. Algumas espécies, no entanto, foram obtidas apenas em estações com mais de 50 metros de profundidade: *Euprognatha gracilipes*, *Arachnopsis filipes*, *Anasimus latus*, *Podochela gracililipes*, *Lissa brasiliensis*, *Mithrax caribbacus* e *Macrocoeloma septemspinosum*.

Os dados sôbre tipos de fundo dos locais de coleta (incluindo aqui as informações existentes na literatura) indicam que os Majidae do Norte e Nordeste do Brasil, representados na Coleção Carcinológica do Instituto Oceanográfico, parecem bem adaptadas à vida nos fundos duros. Apenas algumas espécies de *Aepinus*, *Anasimus*, *Paradasygyius*, *Podochela*, *Libinia* e *Mithrax* se aventuram nos fundos de lama ou são encontradas exclusivamente aí. As outras espécies ou são encontradas apenas em fundos de algas calcárias e em fundos costeiros duros (arrecifes de arenito, plataformas coralígenas...), ou tem aí sua área de abundância, embora possam também ocorrer em fundos detríticos e ocasionalmente em fundos de areia. Isto explica porque os trechos do litoral em que predominam os fundos de algas calcárias possuem grande número de espécies, o que não acontece onde predominam os fundos de areia e, sobretudo, os de lama. É possível estabelecer uma divisão zoogeográfica da área estudada, levando em conta ao mesmo tempo a distribuição das espécies e a dos tipos de fundo. Esta divisão seria: 1) bancos e ilhas ao largo; 2) setor das Guianas ou equatorial (do Cabo Orange à Foz do Rio Tocantins); 3) setor do Maranhão ou de transição (de Salinópolis à Tutóia); 3) setor do Nordeste ou tropical brasileiro (do Piauí à Bahia).

BIBLIOGRAFIA

COELHO, P. A., 1966 — Alguns decápodos novos para Pernambuco e Estados vizinhos na Coleção Carcinológica do Instituto Oceanográfico da Universidade Federal de Pernambuco. Segunda lista. **Ciência e Cultura,** 18(2):139-140.

FAUSTO FILHO, J., 1966 — Primeira contribuição ao inventário dos crustáceos decápodos marinhos do Nordeste brasileiro. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará,** 6(1):31-37.

——— 1967 — Segunda contribuição ao inventário dos crustáceos decápodos marinhos do Nordeste brasileiro. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará,** 7(1):11-14.

GARTH, J. S., 1962 — "Tyche potiguara", a new species of decapod crustacean from Brazil (Maiidae. Ophthalmiinae). **Rev. Brasil. Biol.,** 12(1):45-48.

——— 1958 — Brachyura of the Pacific Coast of America, Oxyrhyncha. **Allan Hancock Pacific Expeditions.** 21(1):1-499.

KEMPF, M., COUTINHO, P. N. & MORAIS. J. O. — No prelo. Plataforma continental do Norte e Nordeste do Brasil: nota preliminar sôbre a natureza do fundo. **Trab. Inst. Oceanogr. Univ. Fed. Pernambuco,** 9/10.

KEMPF, M., MABESOONE. J. N. & TINOCO, I. M. — No prelo. Estudo da plataforma continental da área do Recife. I. Generalidades sôbre o fundo. **Trab. Inst. Oceanogr. Univ. Fed. Pernambuco.** 9/10.

LEMOS DE CASTRO, A., 1949 — "Dasygyius tuberculatus". uma nova espécie de crustáceo do Brasil (Decapoda, Majidae). **Rev. Brasil. Bio.,** 9(3):349-352.

MIERS, E. J., 1886 — Reports on the Brachyura collected by H. M. S. Challenger during the yers 1873-1876. **Reports on the scientific results of the voyage of H. M. S. Challenger, Zoology,** 17:1-362.

MILNE EDWARDS, A., 1873-1881 — Etudes sur les Crustáces Podophthalmaires de la région mexicaine. **Recherches Zoologiques pour servir a l'Histoire de la faune de l'Amérique Centrale et du Mexique,** 5(1):45-368.

MILNE EDWARDS, A. & BOUVIER, E. L., 1923 — Reports on the dredging under the supervision of Alexander Agassiz in the Gulf of Mexico (1877-78), in the Caribbean Sea (1878-79), and along the Atlantic coast of the United States (1880) by the U. S. Coast Survey Steamer "Blake". XLVII. Les Porcellanides et des Brachyures. **Mem. Mus. Comp. êool.,** 47(4):283-395.

MOREIRA, C., 1901 — Contribuições para o conhecimento da fauna brasileira. Crustaceos do Brazil **Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro,** 11:1-151.

NOMURA. H. & FAUSTO FILHO, J., 1966 — Shrimp survey in coastal and offshore waters of Northeastern and Northern Brazil. **Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará,** 6(1):15-29.

POCOCK, R. I., 1890 — Crustacea, p. 506-526 de Ridley, H. N., Notes on the zoology of Fernando de Noronha. **J. Lin. Soc.,** 20:473-592.

RATHBUN, M. J., 1892 — Catalogue of the crabs of the family Periceridae in the U. S. National Museum. **Proc. U. S. Nat. Mus.,** 15:231-277.

——— 1894 — Notes on the crabs of the family Inachidae in the U. S. National Mus. **Proc. U. S. Nat. Mus.,** 17:43-75.

——— 1898 — The Brachyura collected by the U. S. Fish Commission steamer Albatross on the voyage from Norfolk, Virginia to San Francisco, California, 1887-1888. **Proc. U. S. Nat. Mus.,** 21:567-616.

——— 1900 — Results of the Branner-Agassiz Expedition to Brazil. I. The Decapod and Stomatopod Crustacea. **Proc. Washington Acad. Sci.,** 2:133-156.

——— 1925 — The Spider Crabs of America. **Bul. U. S. Nat. Mus.,** 129:1-613.

SMITH. S. I., 1869 — Notice of the Crustacea collected by Prof. C. F. Hartt on the coasts of Brazil in 1867. **Trans. Connecticut Acad. Sci.,** 2:1-41.

STEBBING. T. R. R., 1914 — Stalk-eyed Crustacea Malacostraca of the Scottish National Antarctic Expedition. **Trans. Roy Scc. Edinburgh,** 50(2):253-307.

STIMPSON, W., 1871 — Preliminary report on the Crustacea dredged in the Gulf Stream in the Straits of Florida by L. F. de Pourtalés, assistant, U. S. Coast Survey. I. Brachyura. **Bul. Mus. Comp. Zool.,** 2(2):109-160.

WILLIAMS, A. B., 1965 — Marine decapod crustaceans of the Carolinas. **Fish. Bul.,** 65(1):1-298.

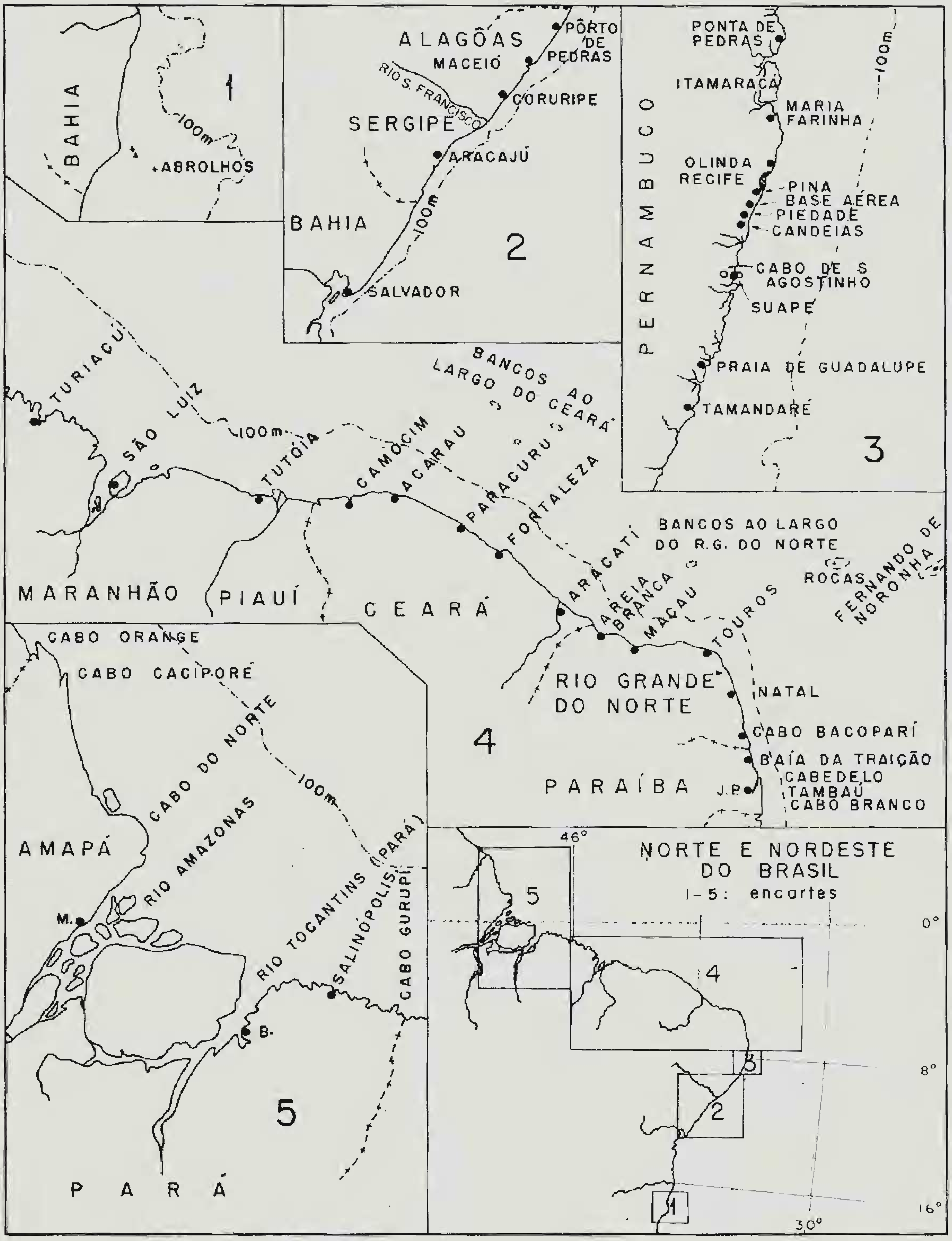

Fig. 1 - Mapa da região estudada, mostrando em cinco encartes as localidades usadas como referência da situação geográfica das estações de coleta.

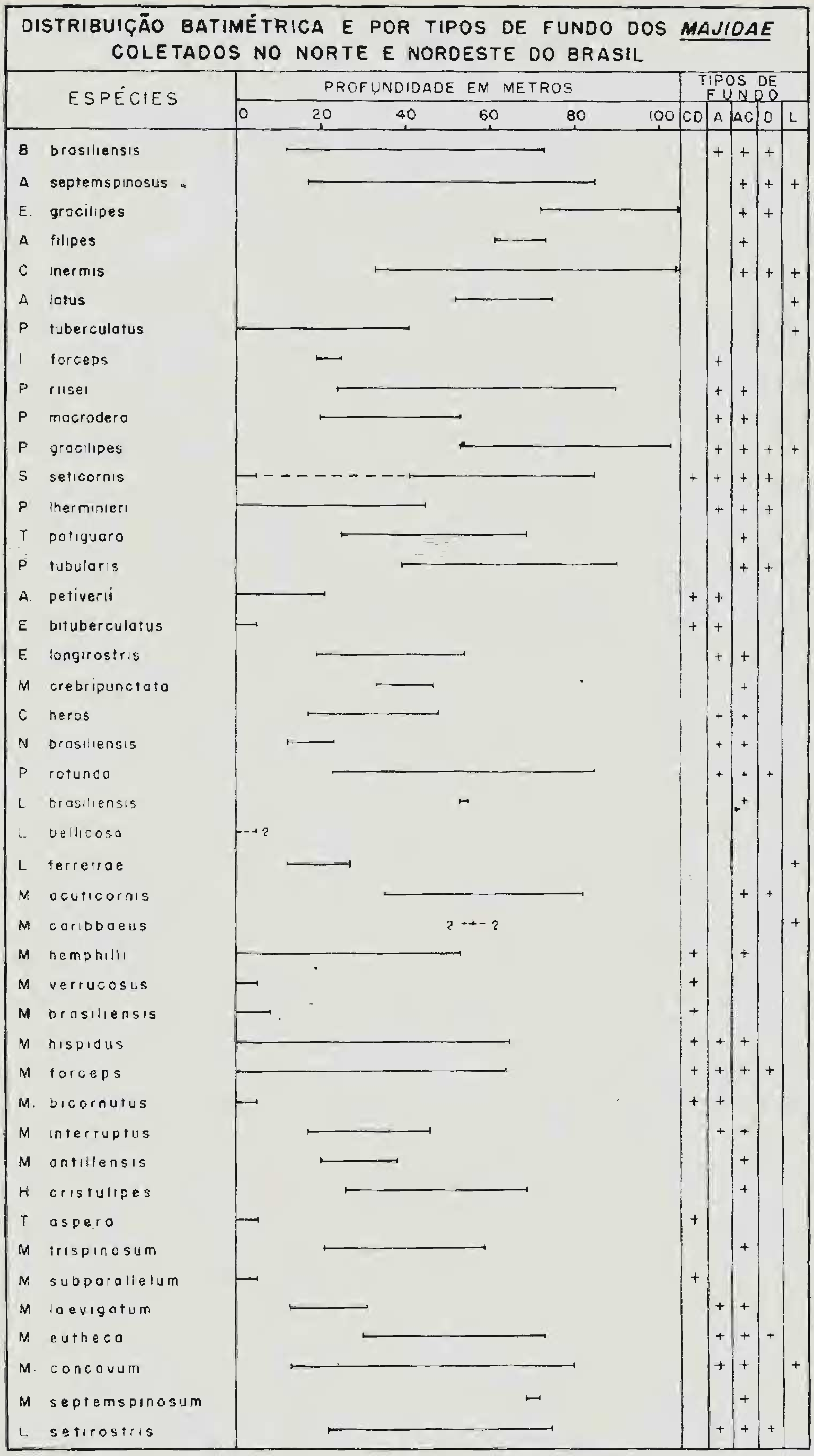

Fig. 2 - Distribuição batimétrica e por tipos de fundos dos Majidae coletados no Norte e Nordeste do Brasil: CD = fundos costeiros duros; A = fundos costeiros de areia e prados de fanerógamas marinhas: AC = fundos de algas calcáreas; D = fundos detríticos; L = fundos de lama, de lama e areia e de areia e lama.